

## ENTRE MULHERES E DAMAS: RESISTÊNCIA TARDO-MEDIEVAL EM CHRISTINE DE PIZAN

### *BETWEEN WOMEN AND LADIES: LARD-MEDIEVAL RESISTANCE IN CHRISTINE DE PIZAN*

**Leonardo de Lara Cardoso**

Mestrando em História do Programa de Pós-graduação em História da UFSC. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais – Meridianum/UFSC.

#### **RESUMO**

Este artigo propõe investigar o contexto histórico das mulheres do século XIV na Europa, especialmente no Reino da França através da obra *A Cidade das Damas* (1405) de Christine de Pizan (1364-1430). O conceito de “vontade de verdade” de Michel Foucault será usado para analisar em sua narrativa a necessidade que surge como uma voz dissonante para o discurso oficial sobre o papel das mulheres em textos, poemas e tratados na Idade Média.

**Palavras-chave:** Idade média. História das mulheres. Vontade de verdade. Christine de Pizan.

#### **ABSTRACT**

*This article proposes to investigate the women's historical context of the fourteenth century in Europe especially on the Realm of France through the work *The City of the Ladies* (1405) by Christine de Pizan (1364-1430). Michel Foucault's concept of “the will to truth” will be used to analyze in her narrative the need that emerges as a dissonant voice to the official speech on the role of women in texts, poems and treatises in the Middle Ages.*

**Keywords:** Middle ages. Women history. The will to truth. Christine de Pizan.

Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos.<sup>1</sup>

Assim iniciam-se as inquietações de Christine de Pizan (1363-1430)<sup>2</sup>, em sua obra *A Cidade das Damas*, escrita em Paris no ano de 1405. Mas quem é Christine de Pizan? Para melhor conhecer esta mulher que viveu entre os séculos XIV e XV, deve-se retroceder alguns passos no tempo, com o objetivo de compreender como era seu contexto durante a Europa da Baixa Idade Média<sup>3</sup>. Para que se possa compreender como essa mulher se torna quem foi e escreve tudo que escreveu<sup>4</sup>. Inclusive, esse mesmo deslocamento contribuirá para uma visão ampliada do que provoca a autora a expressar seu desconforto. Algo a perturbava, algo se tornava diferente do que antes era, ou talvez diferente do que a autora considera-

va compor o mais coerente na postura desses – tantos homens, clérigos e outros – sobre as mulheres.

Para compreender o cenário da Europa medieval para as mulheres, e suas principais transformações até o século XV, é necessário observar as causas das mudanças sócio-políticas e culturais na sociedade. Essas mudanças tem sido motivo de amplo debate entre historiadoras e historiadores que pesquisam a Idade Média. Além de apresentarem suas conclusões, aumentam-se também o número perguntas abertas para que medievalistas futuros busquem responde-las. - Opitz<sup>5</sup> evidencia a dificuldade em encontrar fontes medievais que falem sobre as mulheres e, pior ainda, as que sejam escritas por mulheres. A pesquisadora salienta que as mesmas fontes, não encontradas nos primeiros séculos medievais, começam a aparecer, ou permanecer, no final da Idade Média, através de “testemunhas autênticas provenientes da mão ou da boca das mulheres”.

<sup>1</sup> PIZAN, C. *A cidade das damas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012, p.58.

<sup>2</sup> Christine de Pizan vive os últimos anos de sua vida reclusa no mosteiro de Poissy, aonde vem a falecer no ano de 1430.

<sup>3</sup> Considerou-se a periodização tradicional, sendo a Baixa Idade Média o período correspondente aos séculos XI ao XV, reconhecendo suas limitações teóricas que a esta é atribuída.

<sup>4</sup> Sua obras ordenadas respectivamente por ano e título; 1399 - *Epistre au Dieu d'amours*, 1400 - *Le Débat de deux amans*, 1400 - *Le Livre du Debat de Deux Amans*, 1400 - *Le Livre des trois jugemens*, 1400 - *Le Livre du dit de Poissy*, 1401 - *Epistre Othea*, 1401 - *Épîtres sur Le Roman de la Rose*, 1402 - *Le Dit de la rose*, 1402 - *Oraison Nostre Dame*, 1402-1403 - *Oraison de Nostre Seigneur*, 1402-1403 - *Cent Ballades d'amant et de dame*, 1402-14010 - *Les Complaintes amoureuses*, 1403 - *Le Chemin de longue estude*, 1403 - *Le Dit de la pastoure*, 1403 - *Le Livre de la Mutacion de Fortune*, 1404 - *Le Livre des Fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*, 1404 - *Epistre à Eustache Morel*, 1404 - *L'Advision Christine*, 1404-1405 - *Le Livre du Duc des vrais amants*, 1404-1405 - *Le Livre de la Cité des dames*, 1405 - *Le Livre des trois vertus à l'enseignement des dames*, 1405 - *Epistre à Isabeau de Bavière*, 1405-1406 - *Le Livre de la Prod'homme de l'homme* ou *Le Livre de Prudence*, 1406-1407 - *Le Livre du Corps de Policie*, 1409 - *Les Sept Psaumes allégorisés*, 1410 - *Les Lamentations sur les maux de la France*, 1410 - *Le Livre des Faits d'armes et de chevalerie*, 1414 - *Le Livre de la Paix*, 1416-1418 - *Epistre de la Prison de Vie Humaine*, 1420 - *Les Heures de la contemplations de la Passion*, 1429 - *Le Ditié de Jehanne d'Arc*. Seus manuscritos estão digitalizados e disponibilizados a consulta pública gratuita no sítio eletrônico de arquivos digitalizados *Gallica* hospedado sob o domínio virtual da Biblioteca Nacional da França.

## 1 A ORDEMEIA “VONTADE DE VERDADE”

Quem nunca escutou ou leu em algum lugar, televisão ou revista, expressões relacionando a Idade Média a algo negativo, obscuro, das trevas, ou alguma adjetivação que corresponda a uma ideia de atraso e desqualificação? Mesmo após décadas de estudos e pesquisas publicadas de medievalistas sobre o assunto, ainda há, no senso comum e entre parte de historiadores de temas contemporâneos, esta “má reputação” destinada aos mil anos correspondentes a Idade Média<sup>6</sup>. Inclusive encontra-se em livros de história medieval o uso da divisão hierárquica da sociedade em três ordens; clero, nobreza guerreira e camponeses (ou servos). Esses três grupos são apresentados na pirâmide social, a qual os camponeses compunham

<sup>5</sup> OPITZ, C. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, São Paulo: EBRADIL, 1990. p. 353. v. 2.

<sup>6</sup> BASCHET, J. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

sua base em maior número, o clero no topo em seu número reduzido e no meio ficavam os nobres guerreiros, responsáveis pela defesa e segurança dos territórios. Entretanto, essa estrutura conhecida como “três ‘estados’, três categorias estabelecidas, estáveis, três divisões hierarquizadas” são problematizadas por Georges Duby<sup>7</sup> em sua obra; *Três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. O autor trabalha o norte da França e retoma os textos<sup>8</sup> de Adalberão, bispo de Laon e Gerardo, bispo de Cambrai no século XI, e Charles Loyseau<sup>9</sup> e de Torquat<sup>10</sup>. Duby questiona a relação das ordens sociais presente nos textos datados do século VI ao XVII, com a ordem natural, presente na cultura da sociedade medieval. Reconhece o formato de três ordens<sup>11</sup>, por uma sociedade tripartida ser a busca da perfeição, da harmonia, da razão ao corresponder o universo ordenado criado por Deus e a sociedade que vive e se organiza para alcançar a Deus. Portanto, é visível a necessidade, por parte – formada principalmente pelo clero – da sociedade medieval, do reconhecimento de uma sociedade tripartida. Para tanto, é fundamental que o projeto ideológico proposto, tenha elementos de ligação com a sociedade que se pretende aplicar.

<sup>7</sup> DUBY, G. *As três ordens: ou o imaginário do Feudalismo*. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1994, p.13-14.

<sup>8</sup> As duas frases apresentadas por Duby são: “Tripla é pois a casa de Deus que se crê una: em baixo, uns rezam (orant), outros combatem (pugnant), outros ainda trabalham (laborant); os três grupos estão juntos e não suportam ser separados; de forma que sobre a função (officium) de um repousam os trabalhos (opera) dos outros dois, todos por sua vez entreajudando-se”; e “Demonstrou que, desde a origem, o gênero humano se dividiu em três: as gentes de oração (oratoribus), os agricultores (agricultoribus) e as gentes de guerra (pugnatoribus); fornece evidente prova de que cada um é o objecto, por parte dos outros dois, de um recíproco cuidado”.

<sup>9</sup> Tradado das Ordens e Simples Dignidades de 1610.

<sup>10</sup> Duby cita o texto “O nosso bom mister de soldado, seguido de uma tentativa de retrato moral do Chefe”, obra editada em Paris, em 1951.

<sup>11</sup> Duby também afirma “Por outro lado, estes três “caminhos” não são os únicos. Simplesmente, são os bons. Tal raciocínio, maniqueísta, não fala dos outros. Porque os condena. Toda uma parte do social é por ele amaldiçoada, rejeitada, aniquilada. [...] só o padre, o guerreiro e o camponês se não desviam do bom caminho, só eles respondem ao apelo de Deus.” Cf. DUBY, 1994, p. 16.

De acordo com o sistema associativo e simpático de perceber o mundo natural na Idade Média, o ser humano seria um pequeno mundo, o microcosmo. [...] no qual o paralelo cósmico-antropológico apresenta o ser em fina sintonia com o universo [...]<sup>12</sup>

Logo, para que a estrutura presente no cotidiano da sociedade tivesse sintonia com sujeito medieval, é necessário que haja uma relação de homologia entre ser humano e natureza. Ou seja, uma relação entre o microcosmo (sujeito/ser humano) e o macrocosmo (natureza/universo). Duby, ainda reforça que, “a sagração do monarca sobrepõe uma ordenação cultural à ordenação estabelecida pela natureza.”<sup>13</sup>

Com isso surge a pergunta, aonde as mulheres se encaixam nessa sociedade tripartida? Duby apresenta textos de Cícero sobre ordem, usados durante a Idade Média nos quais as mulheres não possuem local, ofício, nem função social. Porém, uma função aparece para as mulheres em textos da Igreja: a de subordinação ao homem, seu “senhor”. Retornando a essa “má reputação” da Idade Média, com relação às mulheres não é muito diferente. Ao fechar os olhos e tentar buscar a imagem construída de mulher e de homem na Idade Média, diversas vezes pode-se ligar o homem a virilidade, a cavalaria, ao trabalho braçal. Enquanto para a mulher resta a roca, o trabalho doméstico e o cuidado das crianças.<sup>14</sup>

Apesar de haverem esses papéis na Idade Média é necessário romper com limites e questionar visões tradicionais da historiografia, para assim se aproximar do contexto histórico-social em que viveu Christine de Pizan. Adeline Rucquoi<sup>15</sup>, em seu texto, *La Mujer em la Edad Media*, desdobra-se de uma visão quase monocromática do que seria a Europa

<sup>12</sup> SILVEIRA, A. D. Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievo: revelação, ordem e lei. In: NODARI, E. S.; KLUG, J. (Orgs.). *História ambiental e migrações*. São Leopoldo: Oikos. 2012, p. 153.

<sup>13</sup> DUBY, 1994, p.74.

<sup>14</sup> MACEDO, J. R. *A mulher na idade média*. 5 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

<sup>15</sup> RUCQUOI, A. *La Mujer en la Edad Media*. In: *História*, n.16, 1978.

medieval com relação as mulheres para uma degrade das mais variadas cores possíveis, sem romantizar a realidade desfavorável da qual as mulheres pertenciam. “Insegurança, guerras, epidemias, fome, peso do poder feudal, tradição jurídica herdada dos romanos e do direito germânico, e finalmente poder ideológico da Igreja.”<sup>16</sup> Esse era um cenário no qual o poder estava concentrado nas figuras masculinas, nos homens da nobreza e/ou clero, por sua vez, as mulheres poderiam receber punições de adultério que variava de açoitamento em praça pública em seus corpos nus, à morte pelas mãos de seus maridos. Enquanto o marido condenado à traição, regularmente recebia apenas uma multa.

Contudo, saltam aos olhos que nesse mesmo cenário em que a mulher é visivelmente um sujeito subalterno, submisso ao homem, na mesma realidade social que era de tal maneira desfavorável às mulheres:

tenha presenciado a aparição do culto a Virgem Maria (séc. XII); que tenha fomentado a poesia dos trovadores, as ‘cortes de amor’ e o amor cortês; e que tenham sido pontuadas as figuras femininas, reais ou fictícias, como as de Eloísa, de Isolda, de Maria de Molina ou de Joana D’arc, não consiga superar a ‘lenda negra’ que não vê mais, na época medieval, que cadeias, cintos de castidade, equipamento de tortura, direito da primeira noite e em geral uma negação total da mulher até como ser humano.<sup>17</sup>

Pode-se acrescentar a esta lista de mulheres, Hildegarda de Bingen<sup>18</sup> (1098-1179),

<sup>16</sup> Tradução nossa “inseguridad, guerras, epidemias, hambres, peso del poder feudal, tradición jurídica heredada a la vez de los romanos y del derecho germánico, y finalmente poder ideológico de la Iglesia” Cf. RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>17</sup> Tradução nossa “hayan presenciado la aparición del culto de la Virgen María (siglo XII); que hayan fomentado la poesía de los trovadores, las «cortes de amor» y el amor cortés; y que hayan sido jalonados por figuras femeninas, reales o ficticias, como las de Eloísa, de Isolda, de Maria de Molina o de Juana de Arco, no consigue sobreponerse a la «leyenda negra» que no ve más, en la época medieval, que cadenas; cinturones de castidad, tornos o potros, «derecho de pernada» y en general, una denegación total de la mujer hasta como ser humano.” Cf. RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>18</sup> Visionária medieval, monja germânica com origem na baixa nobreza, com influência política no alto clero. Hildegarda escreveu sobre medicina, música entre outros assuntos. (PIERONI, 2007, p.66-67)

Leonor de Aquitânia<sup>19</sup> (1122 ou 1124 -1204), Filipa de Hainaut<sup>20</sup> (1314-1369), Beatriz Galindo<sup>21</sup> (1465-1534) e tantas outras mulheres que compõem a historiografia medieval com pesquisa de medievalistas nas últimas décadas.

Rucquoi argumenta que diversos desses conceitos “pré-fabricados” foram herdados frequentemente do romantismo do século XIX. Nesses casos, critica a ausência de pesquisa científica e rigorosa para que pudesse legitimar essas ideias. Um exemplo disso é direito da primeira noite “*ius primae noctis*”. Este fenomeno é desconstruído por Rucquoi, alegando não haver prova documental ou oral em nenhum *corpus* jurídico medieval. A historiadora também mostra uma provável origem para o conceito. Apresenta um costume arcaico dos povos que habitavam a Europa antes da expansão de Roma, que havia certo “tabu” com o sangue que escorre quando se rompe o hímen de uma virgem, em sua primeira relação sexual. Pensavam ser uma operação que liberaria forças malignas, necessitando frequentemente de uma pessoa específica que pudesse lidar com esses poderes religiosos ou mágicos, um sacerdote-bruxo ou chefe da tribo. Portanto, não passam de uma construção na sobrevida de um costume distante transmitido oralmente, que teria origem nos povos pagãos, séculos antes da cristianização da Europa medieval.

Outra confusão comum criada pelos iluministas foi (e ainda é) chamar a Idade Média de “Idade das trevas”, atribuindo a este período

<sup>19</sup> Viveu até os 83 anos de idade. Foi rainha consorte da França (1137-1152) e também rainha da Inglaterra (1154-1189), foi para segunda cruzada com então marido rei Luís VII da França. Forte patrocinadora das artes. Cf. VICKI, León. **Mulheres audaciosas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998, p.142-143.

<sup>20</sup> Rainha consorte da Inglaterra, tinha forte interesse por economia, montou fábricas em Norwich, buscando tecelões e tintureiros em Flandres (sua terra natal) para treinar mulheres locais. Patrocinou as artes, incluindo Geoffrey Chaucer, e chegou a atuar em batalha, com armadura e pronunciando discurso, levando a Inglaterra uma vitória. Cf. VICKI, 1998, p.228-229.

<sup>21</sup> Escritora que estudou na Universidade de Salerno, Itália durante o século XV e ao adquirir seu diploma retorna para Espanha onde se torna professora de latim e filosofia na Universidade de Salamanca. Cf. VICKI, 1998, p. 246.

a morte de milhares de mulheres na fogueira, por acusação de bruxaria. Rucquoi<sup>22</sup> reforça sua arguição afirmando que em diversos concílios desde o século VI eram condenados os que acreditavam em bruxaria, em demônios, práticas mágicas ou superstições em geral. Entretanto, mesmo com as conversões ao cristianismo, os povos pagãos não deixavam completamente suas antigas crenças e costumes. Aparentemente a igreja não dava tanta importância a esse tipo de pecado, sendo que nos séculos X a XIII, era encontrado apenas rezas e penas em dinheiro para os culpados desta falta<sup>23</sup>.

No início da Idade Moderna aumenta o uso das fogueiras, usadas contra anteriormente contra hereges, para a execução das mulheres acusadas de bruxaria. O livro *Malleus Maleficarum*<sup>24</sup>, o “manual do perfeito inquisidor de bruxas”<sup>25</sup> tinha a função de reconhecer uma bruxa, como estar imune a seus poderes e como curar e destruir bruxaria. É aqui que Rucquoi destaca que “dessa data em diante, o “herege”, paradoxalmente, é quem não acredita na existência de demônios.”<sup>26</sup> As mulheres foram acusadas de bruxaria e levadas a fogueira principalmente durante os séculos XVI e XVII. Logo, não deveria ser atribuída a Idade Média, mas sim a Idade Moderna, ou a um período de transição. Rucquoi menciona que haveria, nas atas do “Concílio de Mâcon”, um questionamento sobre a mulher ter ou não alma. Porém, a autora diz que “curiosamente, esta menção do tema dos debates do dito concílio não apareceu, se não em um escrito anônimo holandês publicado no século XVI.”<sup>27</sup>

A condição jurídica das mulheres na Idade Média era baseada, como já mencionado, no direito romano e no direito germânico, os

quais se condensam gerando o direito feudal, que “apesar de suas variedades e divergências, frequentemente considera a mulher como a um ser de idade ‘incapaz’ em geral.”<sup>28</sup> Regularmente, sua tutela pertence ao pai quando solteira e ao marido quando casada. Portanto, na maioria dos casos em que uma mulher precisasse se apresentar diante de um tribunal, essa representação deveria ser feita por seu tutor, um homem em idade adulta; regularmente pai ou marido. Somado a esse direito, não se pode esquecer a crença da Igreja Católica, a qual se baseava em referências bíblicas “assimilando a doutrina culpabilizadora de Santo Agostinho e dirigindo finalmente ao aristotelismo no século XIII”<sup>29</sup>. Ainda que houvesse figuras como Abelardo e Robert d’Arbrissel, que no final do século XI procuraram defender certa igualdade do homem e da mulher. A imagem predominante hoje sobre como se pensava a mulher na Idade Média é “como tentadora, como débil, pecadora, criada do homem e para ele”<sup>30</sup>.

Em meados do século XIII, Tomas de Aquino, (1225-1274) santo e doutor da Igreja, desenvolve seu pensamento sobre a mulher como uma “deficiência da natureza”, reforçando a visão teológica de que a mulher foi criada a partir do homem, portanto “por natureza própria, de menor valor e dignidade que o homem”<sup>31</sup>. Ao buscar em sua *Suma de Teologia*, se encontra as seguintes afirmações; “[...] por natureza, a mulher é inferior ao homem em dignidade e em poder”<sup>32</sup>. Tomas de Aquino cita Aristóteles – O Filósofo – para sustentar

<sup>22</sup> RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>23</sup> *Ibidem.*, n. p.

<sup>24</sup> Obra escrita por dois padres dominicanos alemães, Heinrick Kramer e Jacobus Sprenger em 1486.

<sup>25</sup> RUCQUOI, Adeline. La Mujer en la Edad Media. In: *História*, n.16, 1978. n. p.

<sup>26</sup> Tradução nossa “de esa fecha en adelante, el «herético», paradójicamente, es el que no cree en la existencia de los demonios”. Cf. RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>27</sup> RUCQUOI, *Op. Cit.*, n. p.

<sup>28</sup> Tradução nossa “a pesar de sus variedades y divergencias, suele considerar a la mujer como a un ser menor de edad, «incapaz» en general” RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>29</sup> Tradução nossa “assimilando la doctrina culpabilizadora de San Agustín y dirigiendo finalmente el aristotelismo em el siglo XIII” RUCQUOI, RUCQUOI, 1978. n. p.

<sup>30</sup> Tradução nossa “como tentadora, como ser débil, pecadora, creada del hombre y para él.” Cf. RUCQUOI, 1978, n. p.

<sup>31</sup> RUCQUOI, 1978, n. p.

<sup>32</sup> Tradução nossa “por natureza, la mujer es inferior al hombre en dignidade y em poder”. Cf. AQUINO, Santo Tomas de. *Suma de Teología I: Parte I.* (Damián Byrne, O. P.), Cuarta Edición, Madri: Biblioteca de Autores Critianos, 2001, p 823.

seu argumento, além de Santo Agostinho.

Foi necessária a criação da mulher, como disse a Escritura, para ajudar o homem em alguma obra qualquer, como eles realizaram algumas, e que para outras obras podiam proporcionar uma melhor ajuda os outros homens, se não para ajudá-los na geração. Isso é claro, se olharmos para os modos de geração que ocorrem na vida.<sup>33</sup>

Tomas de Aquino afirma que a mulher não devia ter sido feita entre as primeiras criações, nem antes do pecado. Declara que Deus não devia ter criado a mulher.

Era esse o contexto que se encontrava Christine de Pizan. Em uma sociedade que os assim chamados, Doutores da Igreja escreviam que seria mais eficiente se Deus tivesse criado o homem como algumas plantas que possuíam em seus corpos a potência ativa e passiva simultaneamente e assim reproduzem-se por si mesmo. Portanto, é necessário compreender o contexto de Pizan para compreender o cenário no qual estava inserida sua escrita.

A autora da *Cidade das Damas* nasceu na Itália, em 1363. Ainda que não fosse nobre, acabou vivendo entre eles. Pizan migra para França aos quatro anos de idade, por meio do convite do rei Charles V a seu pai Thomas de Pizan<sup>34</sup>. Thomas é quem a ensina ler e escrever. O acesso à corte francesa a permite dar continuidade a esses estudos. Na corte, seu pai, não demora em casá-la com o secretário do rei, Etiénne du Castel<sup>35</sup>. Christine posteriormente vem a escrever uma obra biográfica sobre a vida do rei Charles V, o sábio, e de acordo com Deplagne, é nela destacada a característica do gosto pelo saber intelectual do rei. No ano da morte de Charles V havia cerca de 970 volu-

mes, entre os quais toda a obra de Aristóteles traduzida em latim<sup>36</sup>.

Christine de Pizan, “Viúva, aos vinte e cinco anos, com três filhos para sustentar, além de sua mãe, também viúva e uma sobrinha.”<sup>37</sup> Por possuir uma rede de contatos na corte francesa e mesmo fora desta, permanece com acesso a biblioteca real. Recusa então seu “destino certo” e rompe com os costumes tradicionais de sua sociedade. Deplagne (2013) diz que para a viúva no período medieval pareciam restar-lhe dois caminhos: a vida religiosa ou outro casamento. Klapisch-Zuber analisa a situação da mulher na relação de ordem e hierarquia medieval quando dizem que

Na idade Média não se concebe a ordem sem hierarquia. A construção do masculino/feminino respeita esta noção e se esforça em articular entre eles dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada, quer dizer, uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre categorias. Desta difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino. [...] A exegese das Escrituras propôs várias versões dessas construções teóricas. [...] A Criação que colocou, para a teologia medieval, os princípios de uma natureza feminina segunda e inferior, e, portanto subordinada.<sup>38</sup>

Segundo Klapisch-Zuber, os padrões de ordem e hierarquia se reproduzem na sociedade medieval a partir de padrões construídos pela teologia medieval<sup>39</sup>, ou seja, crenças da Igreja e do Cristianismo da Europa ocidental. Aqui é o momento de se retornar a citação que abriu este artigo e avançar no texto de Christine de Pizan onde diz:

perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos.

<sup>33</sup> Tradução nossa “Fue necesaria la creación de la mujer, como dice la Escritura, para ayudar al varón no en alguna obra cualquiera, como sostuvieron algunos, ya que para otras obras podían prestarle mejor ayuda los otros hombres, sino para ayudarle en la generación. Esto aparece de forma evidente si nos detenemos ante los modos de generación que se dan en los vivientes.” Cf. AQUINO, Santo Tomas de. *Suma de Teología I: Parte I*. (Damián Byrne, O. P.), Cuarta Edición, Madrid: Biblioteca de Autores Critianos, 2001, p. 823.

<sup>34</sup> Thomas de Pizan era médico e astrólogo italiano, mudou-se para Paris após ser contratado pelo rei Charles V, o sábio.

<sup>35</sup> MACEDO, 2002.

<sup>36</sup> DEPLAGNE, 2013, p.121.

<sup>37</sup> *Ibidem.*, p.120.

<sup>38</sup> KLAPISCH-ZUBER, C. Masculino/feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006, p. 139. v. 2

<sup>39</sup> O uso do conceito de Teologia Medieval é usado sob a ótica da autora Christiane Klapisch-Zuber ao abordar o tratamento pelos pais da Igreja as mulheres em textos, como por exemplo, Agostinho.

Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, - a quem não incluiria entre os sábios, pois seu livro não passa de uma gozação -; mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longe, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.<sup>40</sup>

Sem negar a existência de hierarquias, havia mulheres que se questionavam sobre a veracidade de tais pensamentos, em que o cristianismo havia se construído, através dos séculos, sob a sociedade medieval ocidental de que a mulher era de uma natureza nociva, inferior e subordinada ao homem. Entretanto, prevalece uma dúvida. Em uma sociedade fortemente marcada por autoridades masculinas que reduzem o papel das mulheres, que ditavam o silenciamento feminino e distanciamento da figura da mulher de ambientes públicos, como pode nesse meio surgir uma voz como a de Christine de Pizan? Tais pensamentos e inquietações ficam evidentes quando Christine de Pizan escreve

[...] pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher [...] procurei examinar, na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres.<sup>41</sup>

Identifica-se assim que há certa inquietação entre as mulheres. Contudo Christine de Pizan não é a única nem a primeira a escrever sobre suas angústias. Observa-se que no século XII é possível encontrar semelhante fenômeno na obra “Lais de Maria de França”. Em seu prólogo a autora inicia dizendo “Quem recebe de Deus o conhecimento e o dom de falar com eloquência não deve calar nem se esconder; pelo contrário, deve estar pronto a aparecer.”<sup>42</sup> Portanto, há vozes femininas nestes pensamentos escritos no medievo tentando, de algu-

ma maneira, sobressair aos discursos oficiais. Assim como Michel Foucault<sup>43</sup> os percebe na *Ordem do Discurso*, “creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”. Sendo assim, discursos como o de Christine de Pizan e Maria de França criam a necessidade de decifrar a Idade Média e como as mulheres compõem, enquanto agentes sociais, esse cenário. Essa necessidade em decodificar o medievo, permitiu que textos tais como os de Christine de Pizan, Maria de França entre outras escritoras<sup>44</sup> que se esquivaram de momentos históricos, quando discursos que buscavam a “vontade de verdade”, interrogando a si mesmas e aos seus leitores. Projetaram um cenário incomodo para autores ou seguidores das doutrinas dos pais da Igreja que, possivelmente, eram considerados, por parte dessa comunidade cristã, como detentores de saberes absolutos, a exemplo de Tomas de Aquino.

Essa “vontade de verdade” não se limitava a um alto clero ou nobreza. Aqueles que não fossem leitoras ou leitores também podiam ter acesso aos textos como os de Pizan. Na Idade Média, havia uma prática comum de leitura de textos em voz alta, permitindo a troca de saberes entre pessoas que trabalhavam e que não detinham o conhecimento da leitura. As mulheres e homens que pertenciam às ordens sociais mais baixas de áreas rurais ou mesmo urbanas tinham relativa igualdade, quando se tratava do quesito analfabetismo. Portanto havia uma ausência generalizada de letramento. Ao analisar uma realidade em que a vida dos camponeses se resume na relação direta com a natureza, quando o plantio era estabelecido pelas estações do ano, com a ausência completa ou quase completa da palavra escrita. Seria

<sup>43</sup> FOUCAULT, M. *Ordem do discurso*. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p.17.

<sup>44</sup> A profissão de escritor(a) ainda não existe formalmente, portanto aqui é usado apenas para que se entenda a atuação de Christine de Pizan. Por ter sido uma das primeiras a manter sua família através de sua produção literária foi considerada por alguns historiadores como a primeira escritora profissional. Cf. Macedo, 2002.

<sup>40</sup> PIZAN, 2012, p. 58.

<sup>41</sup> Ibidem., p. 59.

<sup>42</sup> MARIA DE FRANÇA. *Lais de Maria de França*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.39.

fácil inferir que a necessidade de alfabetização não estaria entre suas prioridades. Os ensinamentos necessários para a reprodução das atividades necessárias eram passados das mães ou dos pais para seus filhos e filhas, através da cultura oral e entre os membros dessa sociedade medieval; amigos, vizinhos, etc.<sup>45</sup>

Mas entre a ordem da nobreza, alto clero ou uma burguesia em processo de ascensão social, a situação deve ser estudada mais de perto. Rucquoi apresenta uma citação de Emmanuel Le Roy Ladurie (1294-1324), da obra intitulada *Montailou, village occitan*, quando se refere aos povos dos Pirineus orientais “O discurso feminino, portanto está, neste período, tão carregado de sentido e de seriedade quanto o discurso masculino”. Entre as mulheres do clero, Rucquoi diz que desde o século VI às monjas era exigido saber ler e escrever. Portanto, até o século XIII, era “dado uma educação e uma cultura não apenas as que seriam monjas, mas também destinada as mulheres laicas”<sup>46</sup>.

A autora apresenta como prova desse processo de educação e questionamento das mulheres ao dizer:

Um teste do interesse intelectual das mulheres nesta época é no parágrafo que foi adicionado ao *Sachsen spiegel* – compilação de costumes germânicos - de costumes em 1270: ‘Sendo verdade que os livros são lidos mais pelas mulheres, devem, portanto, tê-los como herança.’ Com esta declaração, já estamos longe da visão tradicional da mulher analfabeta medieval, sem cultura, relegados para as tarefas mais humildes.<sup>47</sup>

Os movimentos heterodoxos ou heréticos como Cátaro, Valdense, ou Hussita, que surgem entre os séculos XI e XV também se somam a esse cenário de relativa promoção da mulher no nível religioso e ideológico enquanto o catolicismo as negava. Com o desenvolvimento das escolas comunais<sup>48</sup>, na França, a

partir do século XIII que criaram um ambiente para que essas mulheres possam ter acesso à educação formal. “Enquanto em Paris, em 1272, possuía onze escolas para meninos e apenas uma para meninas, em 1380 se contavam vinte mais para as meninas.”<sup>49</sup> A existência das escolas para meninas em Paris, e seu crescimento notório, torna compreensiva tanto a existência de uma mulher como Christine de Pizan, quanto sua rentabilidade financeira com produções literárias. A atuação enquanto escritora para Pizan era uma profissão que garantia o sustento de sua família e não apenas um passatempo para suas horas livres, comum a uma alta nobreza. Roncière contrapõem com o contexto italiano, descrevendo que em 1338 nas escolas de Florença “a oportunidade da instrução feminina é apaixonadamente discutida, e muitos moralistas são hostis a ela.”<sup>50</sup>

Dando sequência à análise de ordem social presente no contexto de Christine de Pizan, o foco será direcionado para o título da obra – *A Cidade das Damas*<sup>51</sup> – tal como seu texto. Analisar-se-á a estrutura, e modelo literário da obra, para compreender como se enquadram as damas medievais às Damas da obra.

## 2 MORADORAS DA CIDADE: MULHERES OU DAMAS?

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, as mãos na face, apoiava-me no bra-

em cada período com suas características e contextos específicos. Entretanto no período estudado é notório um crescimento das escolas comunais, e este é o objeto relevante para analisar a fonte escolhida.

<sup>49</sup> RUCQUOI, *Op. Cit.*, 1978, n. p.

<sup>50</sup> DUBY, G. *Idade média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 287.

<sup>51</sup> Entre as traduções mais recentes para a língua portuguesa temos PISAN, Christine de. *A Cidade das Mulheres*. Lisboa: Coisas de Ler, 2007 em Portugal e PIZAN, Christine de. *A Cidade das Damas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012 no Brasil. Portanto há um interessante objeto de estudo para descobrir o que levou a criar essa diferença significativa entre dois países de língua portuguesa a optarem por traduções diferentes para a palavra Dames em francês, porém este não estará no horizonte de análise nessa pesquisa.

<sup>45</sup> RUCQUOI, 1978, n. p.

<sup>46</sup> *Ibidem*, 1978, n. p.

<sup>47</sup> *Ibidem*, 1978, n. p.

<sup>48</sup> Essa pesquisa não tem por objetivo construir uma constituição completa da história das escolas na Europa Medieval, portanto não se afirma aqui que não houve escolas antes desse período. Sabe-se que escolas surgiram e desapareceram durante os séculos anteriores,

ço da poltrona, quando repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali, naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. O esplendor, que de suas faces emanavam, arrojava-se sobre mim, iluminado todo o compartimento. Inútil perguntar se fiquei deslumbrada, sobretudo porque as três damas conseguiram entrar, apesar das portas estarem fechadas. Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz sinal da cruz na testa, tão grande era meu medo.<sup>52</sup>

A citação é o momento em que a personagem Christine de Pizan<sup>53</sup> vê Três Damas pela primeira vez em sua sala. Em um momento de profunda tristeza e vergonha demonstrando através da descrição de seu corpo, com a cabeça baixa, lágrimas nos olhos e mãos na face. Christina de Pizan se encontra em seu quarto escuro, distante da possibilidade de qualquer luz solar. Inclusive, esse é um dos elementos que se destaca na narrativa “a importância de um espaço próprio para abrigar o processo de escrita, o ‘quarto só seu’ de que fala Virgínia Woolf, cinco séculos mais tarde, em *A room of one's own*.”<sup>54</sup> As damas que surgem são descritas com coroas, demonstração de alta linhagem e distinção, assim como a própria autora salienta. E elas se revelam com a luz (da verdade).

Lucimara Leite<sup>55</sup>, em sua tese de doutoramento, analisa duas obras de Christine

de Pizan, *Cité des Dames* e *Trois vertus*<sup>56</sup>, para analisar os modelos de escritas *Specula*<sup>57</sup> e *Exempla*. Através do estudo destas fontes, Leite consegue realizar um mapeamento sobre a educação das mulheres na França medieval dos séculos XII ao XV. De acordo com a pesquisadora, os eruditos começam a se preocupar com a educação e comportamento de homens e mulheres por volta dos séculos XII e XIII. Estes modelos de escrita, acima citados, e sua disseminação a partir deste período são provas dessa preocupação.

No caso de *A Cidade das Damas*, Pizan utiliza predominantemente o modelo de *exemplum*, que surge na França na segunda metade do século XIII. “Na maior parte dos casos, a mensagem tem por objetivo incutir um modelo de comportamento.”<sup>58</sup> Esse modelo de escrita tem por público alvo pessoas comuns, utilizando de narrativas simples para que os leitores não se cansem ou se desinteressem com assuntos abstratos. Esse modo de escrita pode-se observar em diversos momentos da narrativa, como no capítulo XVIII do livro primeiro, em que a Dama Razão conta-lhe a seguinte história sobre as Amazonas:

Que mais devo dizer-te? As amazonas fizeram tanto, graças à sua força física, que foram temidas e respeitadas em todas as partes. Sua fama chegou até a Grécia, que era bastante longe: falava-se de como elas continuavam invadindo e conquistando terras, e como devastavam aquelas regiões que não se tinha nenhuma força capaz de opor-se a elas. Isso deixou os gregos assustados, temendo que o poder das Amazonas se estendesse até às suas terras. Viviam na Grécia, no auge da sua juventude, o forte e extraordinário Hércules. [...] Hércules disse que não era o caso de esperar um ataque das Amazonas, melhor seria invadi-las primeiro. [...] Teseu, que era rei de Atenas, soube dessa notícia, disse que não poderiam ir sem ele. Assim, uniu seu exército ao de Hércules, e navegaram em grande número de guerreiros valentes que o acompanhavam, Hércules não ousou invadir aquelas terras durante o dia, temendo a força e a coragem delas. Seria difícil acreditar,

<sup>52</sup> PIZAN, 2012, p. 61.

<sup>53</sup> Nesse momento seria necessário um esclarecimento das diferentes Christines de Pizan será abordada nessa pesquisa. A primeira Christine de Pizan é a escritora medieval, mulher que viveu durante o século XIV e XV, entre os anos de 1363 e 1430. A segunda, e essa é a que estou mencionando nessa parte do texto, é a personagem na obra *A Cidade das Damas*. Não se deve confundir-las, enquanto uma é quem escreve a obra a outra é quem vivencia a obra em sua plenitude.

<sup>54</sup> CALADO, L. E. F. **A cidade das damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Departamento de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006, p. 12.

<sup>55</sup> LEITE, L. **Christine de Pizan**: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação. 2008. 228f. Tese (Doutorado) – Curso de Línguas e Literatura Francesa e Estudos Medievais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, SP, 2008.

<sup>56</sup> Primeira versão portuguesa de *Trois vertus* foi encomendada pela rainha Isabel em 1447-1455, de um apógrafo levado provavelmente por seu pai, o infante Pedro, única versão conhecida dessa versão está conservado na Biblioteca Nacional de Madri sob o título: *Tratado de las virtudes de las señoras*.

<sup>57</sup> *Ibidem*, 2008.

<sup>58</sup> *Ibidem*., p. 40.

se não fosse os depoimentos de tantas histórias, que aquele homem invencível pela sua potência física temesse a força daquelas mulheres. Então, Hércules e seu exército esperaram a calada da noite, hora em que todos os mortais repousam e dormem, para saírem de seus navios e invadirem a cidade e atacarem as Amazonas que, pegas de surpresa, não estavam em sentido de alerta[...].<sup>59</sup>

No trecho inicial do capítulo citado, pode-se observar como Christine de Pizan desenvolve sua narrativa de forma a apresentar a força das amazonas, mostrando a partir desse exemplo que as mulheres já teriam sido temidas por sua formação bélica, igualmente aos homens, contemporâneos de Pizan. A autora utiliza, em sua narrativa, personagens mitológicas como Hércules e Teseu, atribuindo a estes preocupações e receio, motivados pela força física e, também pelo poder de expansão territorial conquistado pelas Amazonas. Pizan exemplifica a determinação que as mulheres têm quando assim o querem e lhes é permitido. Desta forma, a autora constrói sua obra no modelo de *exemplum*, com o objetivo de atingir um público alvo de pessoas letradas, porém sem alto nível de educação erudita, além de pessoas não letradas como camponeses através da leitura das obras para grupos de pessoas.<sup>60</sup>

Entretanto, o modelo *Exempla* não é o único instrumento usado por Pizan em sua escrita. Podemos encontrar, também, as alegorias, anteriormente mencionadas, presentes nas três Damas, sendo possível analisá-las pela ordem de suas aparições e pelas histórias que são contadas por cada uma das Damas; também é apresentada por Pizan a origem e função das Damas. Portanto, qual ou quais seriam os perfis das mulheres durante o final da Idade Média na Europa Ocidental? Especificamente no reino Francês?

Rucquoi defende uma sociedade medieval na busca pela vida em coletividade, onde indivíduos que vivem isolados são considerados estranhos, exóticos, que transmitem desconfiança. Por evitar essa exclusão e também para conquistar certa segurança tanto homens quando mulheres buscavam viver “em uma

família, uma paróquia, uma confraria, um grêmio, uma comunidade”.<sup>61</sup> Essa coletividade está presente na construção da Cidade das Damas, quando a Dama Razão lhe diz:

Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda, que saberás através do nosso diálogo: deves saber que foi para afugentar do mundo este erro, no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam, a partir de agora, ter uma fortaleza onde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores.<sup>62</sup>

A mulher na sociedade medieval está inserida na ordem universal, estipulada pela criação divina. Consequentemente, o cristianismo contribuiu para estruturar a menor presença das mulheres na esfera pública em contraste a maior presença na esfera privada. Porém, não se pode esquecer que não há um modelo padrão de mulher nessa sociedade Medieval. Por isso, Macedo<sup>63</sup> defende que “as mulheres distinguiam-se entre si pela posição que ocupavam na sociedade medieval, pela faixa etária, pela instrução, por suas opções e ideais de vida”.

Em Florença no início do século XIV, as funções e objetivos de uma educação têm suas particularidades, de acordo com suas responsabilidades sociais. E por diversas vezes está vinculada a sua posição social, ao desejo da família em casá-la com algum aristocrata, seja ele nobre ou burguês<sup>64</sup>. Então, é possível inferir que “as damas e outras mulheres” citadas acima por Pizan, correspondem a diferentes indivíduos da sociedade medieval. Desse modo, se deve concluir que todas as damas são mulheres, porém nem todas as mulheres são damas. Christine de Pizan escreve às mulheres’ (e aos homens) letradas ou não, as quais podem desfrutar da leitura individual ou em voz alta, direcionada ao público. Entretanto, sua Cidade das Damas estaria aberta a todas as mulheres da sociedade medieval? Quem afinal pode vi-

<sup>59</sup> PIZAN, 2012, p.105-106.

<sup>60</sup> LEITE, 2008.

<sup>61</sup> RUCQUOI, 1995, p. 11.

<sup>62</sup> PIZAN, 2012, p. 66.

<sup>63</sup> MACEDO, 2002, p. 10.

<sup>64</sup> DUBY, 2009.

ver nessa cidade? Todavia, antes da análise das moradoras da Cidade é necessário conhecer as funções da cada uma das três Damas.

### 3 AS VIRTUDES DIVINAS: QUANDO AS DAMAS SE APRESENTAM

A primeira Dama se chama Razão. Antes de se apresentar a Christine, Razão lhe fala um pouco sobre a árdua tarefa que tem pela frente na construção da Cidade:

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo. Não leste como o rei Tros fundou cidade de Troia, com a ajuda de Apolo, de Minerva e de Netuno, que os povos de outrora consideraram como deuses, e também como Cadmus fundou a cidade de Tebas sob a injunção divina? Todavia, com o tempo, aquelas cidades se desmoronaram e caíram em ruína. Mas eu te profetizo, com a nossa ajuda, nunca se findará na inexistência. Ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida. A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram, durante muito tempo, sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente, conservando o Estado em toda sua potência. No tempo do seu reinado, elas conquistaram uma grande parte do Oriente e semearam pânico nas terras vizinhas, fazendo até os habitantes da Grécia, que era, então, a flor das nações. E, no entanto, apesar dessa força e desse império, seu reino – como acontece com qualquer potência – acabou desmoronando, de maneira que hoje só o nome sobrevive. Mas, anuncio-te, como uma verdadeira Sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte. De comum acordo, decidimos todas três que eu te fornecerei a argamassa resistente e incorruptível, para que possas fazer fundações sólidas, e que possas levantar, em torno, grandes muros altos e espessos, com suas altas torres largas, com os bastiões e baluartes, como convém a uma cidade que deverá defender bem e por muito tempo. Como aconselharemos, lançarás com bastante profundidade as fundações, para que fiquem bem seguras, e levantarás, em seguida, os muros a uma altura tal que não temerão nenhum adversário. Filha, expliquei-te as razões de nossa vinda e, para que minhas palavras tenham mais peso, quero agora revelar meu nome. Só em escuta-

lo saberás que tens em mim, se quiseres escutar realmente meus conselhos, uma guia e uma diretriz para acabar tua obra sem nunca cometer erros. Chamo-me Dama Razão; agora sabes que estás em boas mãos.<sup>65</sup>

Christine de Pizan não apenas apresenta uma Dama em sua narrativa, mas constrói uma argumentação através de exemplos, de Troia, Tebas e das Amazonas, tornando sua tarefa de construir uma cidade para que as mulheres possam estar seguras, uma vida de que atravessasse os tempos e que resista a qualquer inimigo. Pizan neste trecho também expressa a principal forma de se conseguir a durabilidade, resistência e incorruptibilidade de uma cidade. Para que isso aconteça é necessário seguir fielmente os conselhos da Razão, antes de todos. Sem as diretrizes apresentadas pela Dama Razão, que se apresenta no final da citação acima, a Cidade das Damas jamais teria lugar no tempo. Razão afirma a existência de inimigos e invejosos, por isso a Cidade deverá ser resistente e com excepcional defesa, podendo permanecer eternamente nesse mundo. Ao citar as cidades de Tróia, Tebas e o império das Amazonas, a Dama Razão salienta o fato de terem caído, ainda que possuíssem a ajuda de Apolo, Minerva e Netuno, quem ela afirma que eram considerados Deuses pelo povo da época. Aqui poder-se-ia dizer que Pizan costura uma superioridade do Deus cristão sobre os demais, quando a Dama afirma que “se quiseres escutar meu conselho [...] para acabar tua obra sem nunca cometer erros”<sup>66</sup>, e mesmo que a Cidade das Damas receba vários ataques, ao contrário das cidades construídas com ajuda dos antigos Deuses, a das Damas de Deus, será “sempre próspera”. Talvez a referência aos deuses seja uma menção do desvio de caminho, já que os detentores do saber antigo não sabiam como chegar ao Deus cristão e se perdiam no meio do caminho, sem conseguir decifrar os deuses. Agora, Pizan é detentora deste saber e sabe como decifrá-lo para encontrar a sabedoria necessária para a construção de sua cidade, ela, agora, consegue eternizá-la.

<sup>65</sup> PIZAN, 2012, p.67-68.

<sup>66</sup> PIZAN, 2012, p. 68.

Assim que a Dama Razão terminou de falar a próxima iniciou seu discurso, com objetividade, apresenta-se e diz a Christine de Pizan como poderá ajudá-la na criação da Cidade.

Chamo-me Retidão. Moro mais no céu do que na terra, e a luz divina resplandece em mim que sou a mesma mensageira da bondade. Frequento os justos e os encorajo a fazer o Bem, a dar a cada um aquilo que lhe pertence no melhor de seu poder, a dizer e a defender a verdade, a defender o direito dos pobres e dos inocentes, a nunca se aposar do bem do outro, a provar a inocência dos caluniados. Eu sou o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Faço obstáculo à força e à potência dos perversos. É através de mim que Deus revela seus segredos àqueles que ele ama; sou sua advogada no céu. Faço recompensa as penas e os benefícios. Seguro, na minha mão, uma espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto: quem a segue nunca se desviará. Os justos se unem a esse bastão da paz e se apoiam nele; já os perversos, com ele, levam pancadas e surras. Que tenho mais a dizer? Traçam-se os limites de todas as coisas com esta régua, pois suas virtudes são abundantes. Saiba que ela te será útil para medir as construções da Cidade que deves levantar: terás muita necessidade dela nos prédios, para erguer os grandes templos; construir e desenhar palácios, as casas e todos os empórios, as ruas, e as praças, e para te ajudar em tudo que for necessário para o povoamento de uma cidade. Vim para ajudar-te, e tal será meu papel. Se o diâmetro e circunferência das paredes, dos portões te parecem grandes, não te assustes; com a ajuda de Deus e a nossa, tu o concluirás, preenchendo, enfim o espaço de belas residências e magníficas mansões, sem deixar o menor espaço vazio.<sup>67</sup>

Com a Dama Retidão será possível uma construção com a garantia de que suas edificações, ruas, praças e demais detalhes da Cidade tenham as proporções corretas e em comum acordo com Deus. A escrita de Pizan constantemente cita aprovação religiosa, através de afirmações como “com a ajuda de Deus e a nossa” no trecho mostrado acima. Busca-se a legitimidade cristã, presente na sociedade medieval.

Por último pronuncia-se a terceira Dama,

Amiga Christine, eu sou a justiça, a filha predileta de Deus, e minha essência precede diretamente de sua pessoa. Minha morada é tanto no céu, como na terra ou no inferno: no céu, para a glória dos santos e das almas bem-aventuradas; na terra, para distribuir a cada um a parte de bem e de mal que ele merece; no inferno para punir os indivíduos de má índole. Não pendo para nenhum lado, porque não tenho nem ami-

go nem inimigo e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove. Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa. Quem me seguir não conseguirá pecar; meu caminho é certo. Aos homens e mulheres de alma sãs que querem crer em mim, ensino a se corrigirem, a se reconhecerem e a primeiro se ressarcirem, a fazer com os outros o que eles gostariam que fizessem com eles, a distribuir o bem sem favoritismo, a dizer a verdade, a fugir da mentira e a odiá-la, a rejeitar qualquer vício. Vês, em minha mão direita, uma taça de ouro fino que parece uma medida de bom tamanho. Deus, meu pai, deu-me. Ela serve para que eu dê a cada um o que ele merece. Ela é gravada com a flor-de-lis da trindade e ajusta-se a qualquer porção, e ninguém poderá reclamar daquilo que é acordado por mim. Os homens daqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam. De vez em quando, eles fazem menção a mim em seus julgamentos, mas a medida deles, para uns generosa demais e para outros demasiadamente magra, nunca é justa. Poderia ficar conversando por muito tempo sobre as particularidades do meu dever, mas, para resumir, tenho um *status* especial entre as virtudes. Todas, aliás, referem-se a mim. E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só, na medida em que não conseguimos nada uma sem a outra. O que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou o acabamento e concluo. Foi para isso que todas três puseram-se de acordo: para que eu viesse em tua ajuda para dar o acabamento e terminar a tua Cidade. Ficará, sob a minha responsabilidade, fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres ilustres para ti e trarte-ei uma altiva rainha; a quem as outras damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagem e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será concluída, fortificada e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos.<sup>68</sup>

A Dama Justiça se apresenta enquanto uma espécie de trindade, constituindo uma relação com as outras duas Damas de certa unidade, “E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só” onde uma é dependente da outra. A Justiça é a mais próxima de Deus, portanto é quem tem maior autoridade entre as Damas. Portanto há uma ordem hierárquica entre as três, o que é bastante comum para o contexto medieval, no qual havia uma ordem natural pré-estabelecida. Ordem que está pre-

<sup>67</sup> PIZAN, 2012, p. 69.

<sup>68</sup> PIZAN, 2012, p.70-71.

sente neste trecho, como quando Dama Justiça diz; “tenho um *status* especial entre as virtudes.” Neste caso Justiça não está ao lado da Razão e da Retidão, mas acima, com maior importância. Porque sem sua presença nenhuma sociedade se sustenta, nem mesmo a Cidade das Damas, pois ela mesma disse: “Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim”.<sup>69</sup>

Dama Razão é responsável por projetar e dar início a construção da Cidade das Damas, atuando muito mais no âmbito das ideias, pois, não se apresenta com nenhum instrumento ou relíquia se comparadas as Damas seguintes, que detém funções diferentes. A Dama Retidão com seu bastão/régua, “uma espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto”<sup>70</sup>, com ele Retidão tem o poder de garantir que a construção da Cidade está em seu caminho correto e sem desvios, assegurando assim sua durabilidade no tempo e no espaço. Certifica-se de que haverá boas moradas, casas e mansões, empórios, templos e palácios, ruas e praças, sem deixar espaço algum sem uma função, comprometendo a ajudar a extinguir qualquer insuficiência que possa surgir para o povoamento da Cidade.

Por fim, a Dama Justiça é quem tem a função de garantir seu equilíbrio, cobrindo todas as edificações e finalizando-as com ouro fino, construindo suas torres e telhados. Traz consigo, em sua mão direita, uma taça com a flor-de-lis da trindade gravada, feita de ouro fino. Com essa taça Justiça é capaz de dar a cada qual o que este merece, tendo a taça o poder de ajustar-se a qualquer porção. Por intermédio da Dama Justiça a Cidade das Damas será povoada com mulheres ilustres, sem dar exclusividade para mulheres nobres, ou seja, não serão apenas Damas que povoarão a Cidade, mas outras mulheres, contanto que sejam ilustres, famosas. Esta fama está atribuída à memória, a história. Para reinar sobre a Cidade, Pizan, através da Dama Justiça escolhe a imagem de mulher mais ilustre entre as au-

toridades santificadas do Cristianismo, Maria, mãe de Jesus, “a quem as outras damas, mesmo as mais nobres render-lhe-ão homenagem e obediência”<sup>71</sup>. Portanto, aqui é traçado uma linha entre as mulheres que podem entrar na cidade, das que não podem. E esta linha foi baseada em critérios morais e religiosos.

Pizan não deixa de realizar diversas críticas à sociedade na qual está inserida e, por intermédio da Dama Justiça, diz que os “homens daqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam”<sup>72</sup>. A medida de justiça que os homens utilizam é falha, não corresponde à medida perfeita, ditada pela Dama Justiça, filha de Deus. Críticas como essa estão presentes em inúmeras páginas da obra *A Cidade das Damas* e outros textos de Christine de Pizan.

Portanto ao analisar a relação entre a ordem social estipulada pela Igreja e a ordem natural reconhecida através da comparação entre seu universo interior e o universo exterior, busca-se compreender quem somos neste mundo. Este sentimento compõe em Pizan a “vontade de verdade”. Marcado o encontro com as Damas, virtudes de Deus, a personagem conhece o perfil de cada uma delas e entende qual seu papel, ao construir uma cidade para as mulheres ilustres, virtuosas. Para que todas que seguirem este caminho possam viver tranquilas nessa cidade, entretanto, não toda e qualquer mulher. Apenas as que forem ilustres.

## REFERÊNCIAS

SANTO TOMAS DE AQUINO. **Suma de Teologia I:** Parte I. 4 ed. Madri: Biblioteca de Autores Critianos, 2001.

CHAUCER, G. **Contos da cantuária.** [S.]: Companhia das Letras, 2013.

MARIA DE FRANÇA. **Lais de Maria de França.** Petrópolis: Vozes, 2001.

PISAN, C. **A cidade das mulheres.** Lisboa: Coisas de

<sup>69</sup> *Ibidem*, p.70.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>71</sup> PIZAN, 2012, p. 71.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 71.

Ler, 2007.

\_\_\_\_\_. **A cidade das damas**. Florianópolis: Mulheres, 2012. 350 p.

\_\_\_\_\_. *et al.* **Debate of the romance of the rose**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. C. L. **A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média: o exemplo de Decamerão e do De Mulieribus claris de Boccaccio (Florença - século XIV)**. 2009. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Departamento de Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BASCHET, J. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, R. H. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: 34, 1995.

BROCHADO, C. C. A querelle des femmes. **Textos de História - Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**, Brasília, v. 9, n. 1-2, p. 31-51, 2001.

CALADO, L. E. F. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. 2006. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária, Departamento de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. **Saboreando o saber: a aventura intelectual de Christine de Pizan no seu "Caminho de Longo Estudo"**. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/khpnEL>>. Acesso em 3 de outubro de 2016.

DEPLAGNE, L. E. F. C. A reescrita do mito das amazonas na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p.115-136, 2013.

DUBY, G. **As três ordens: ou o imaginário do Feudalismo**. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1994.

\_\_\_\_\_. **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONSECA, P. C. L. Christine de Pizan e a apologia da mulher: diálogo e reavaliação crítica de fontes tradicionais da misoginia medieval. **Série Estudos Medievais Intertextualidades**, Salvador, n. 4, p. 103-

119, 2015.

FOUCAULT, M. **Ordem do discurso**. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRANCO JUNIOR, H. **A idade média: nascimento do ocidente**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LE GOFF, J.; GOLDWASSER, M. J. Os intelectuais na idade média. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_; SCHMITT, Jean Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru: Edusc, 2006. v. 2.

LEITE, L. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. 2008. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Línguas e Literatura Francesa e Estudos Medievais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.

MACEDO, J. R. **A mulher na idade média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 108 p. (Repensando a História)

MACHADO, T. S. **A mulher e a escrita no cotidiano medieval: Christine de Pizan (Séc. XV)**. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 10, 2013, Goiás. **Anais...** Goiania: 2013. p. 8796-8810.

NERI, C. S. C. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. **Revista Gênero & Direito**, v. 2, n. 1, p. 68-85, 2013.

NOGUEIRA, M. S. M. A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão. **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, n. 17, p. 153-173, 2013.

PIERONI, G. (org.). **Entre deus e o diabo: santidade reconhecida, santidade negada na Idade Média e Inquisição portuguesa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

RUBIN, A. C. **Razão, retidão e justiça: a questão do conhecimento em A cidade das damas de Christine de Pizan**. 2014. 49 f. Monografia (graduação) - UNB, Brasília, 2014.

RUCQUOI, A. La Mujer en la Edad Media. **História**, n.16, 1978. Disponível em: <<http://www.geocities.com/urunuela33/rucquoi/mujermedieval.htm>> acesso em 20 novembro 2005.

\_\_\_\_\_. **La mujer medieval**. Madrid: Historia 16, 1995.

SILVEIRA, A. D. Relação corpo, natureza e organização sociopolítica no Medievo: revelação, ordem e lei. In: NODARI, E. S.; KLUG, J. (Orgs.). **História ambiental e migrações**. São Leopoldo: Oikos. 2012. p. 151-166.

TROCH, L. Mística feminina na idade média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Revista Graphos**, v. 15, n. 1, 2013.

VICKI, L. **Mulheres audaciosas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

WUENSCH, Ana Míriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar? **Revista Graphos**, v. 15, n. 1, 2013.